

13371

**EDUARDO LOURENÇO, 85 ANOS**  
**CONGRESSO INTERNACIONAL**

Fundação Calouste Gulbenkian, 6 e 7 de Outubro de 2008

Senhor Presidente da Assembleia da República

Senhor Ministro da Cultura

Senhor Presidente do Centro Nacional de Cultura

Senhoras e Senhores Administradores da Fundação, Caros Colegas

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Agradeço e saúdo a presença do Senhor Presidente da Assembleia da República e do Senhor Ministro.

Agradeço e felicito o Centro Nacional de Cultura, na pessoa do seu ilustre Presidente e meu caro Amigo, Dr. Guilherme de Oliveira Martins, pela organização deste Congresso Internacional sobre Eduardo Lourenço e congratulo-me vivamente que ele tenha lugar na Fundação Calouste Gulbenkian. É que, embora vontade e razão não nos faltassem para tomar a iniciativa, o nosso código de conduta colocar-nos-ia a dúvida de podermos organizar uma homenagem a um membro do Conselho de Administração da Fundação. Ainda bem que o Centro Nacional de Cultura a assumiu, na linha dos seus desígnios fundamentais, e que assim nos permita associarmo-nos com empenho e júbilo.

Por uma feliz coincidência, foi inaugurada a semana passada e por isso acompanha este congresso, uma exposição dedicada à dialéctica entre o local e o cosmopolita na literatura, cujo título “Weltliteratur” é emprestado de Goethe.

Tendo naturalmente como ponto focal o mais universal dos poetas portugueses do século XX, lá se encontram os luminosos textos de Eduardo Lourenço, do seu “Pessoa Revisitado”.

Vamos, ao longo destes dois dias, assistir à análise, com a merecida profundidade e proficiência, das múltiplas dimensões da personalidade intelectual e cívica de Eduardo Lourenço. E de novo há que reiterar ao Centro Nacional de Cultura felicitações pelo notável conjunto de participantes que reuniu e que vão arcar com a responsabilidade – mas também o privilégio – de reflectir sobre a obra do maior pensador português do nosso tempo.

Eduardo Lourenço é uma figura ímpar na cultura portuguesa. Pela densidade, originalidade, mobilidade e independência da sua obra. Ouvi-lo, ou lê-lo (e às vezes relê-lo, porque é necessário) é recebermos um tónus vivificador do espírito e surpreendermo-nos pela vastidão das suas referências, que surgem com tal naturalidade como se houvesse sempre toda uma biblioteca aberta na sua frente.

Licenciado em ciências histórico-filosóficas e não se considerando nem um historiador nem um filósofo, por inquietação ou humildade, acabou por nos dar o melhor que poderíamos esperar de ambos. Sinal porventura da sua aguda lucidez, que lhe permite viajar a seu gosto, sem os espartilhos do cânone académico, seguindo uma curiosidade insaciável pelos diferentes caminhos da

cultura, da literatura, do cinema, das artes plásticas, da história, da filosofia e da política.

E é também uma figura singular, no sentido de só: não pertenceu nem pertence a grupos ou correntes. Observou-os, interpretou-os e com eles dialogou ou polemizou, mas não mais. A liberdade que quis e que era a trave mestra da sua obra primeira *Heterodoxia I*, mantém-na no percurso de toda a sua intervenção.

É o “maître à penser” indiscutível no *post* - 25 de Abril. Perante as perplexidades e as dúvidas, na ressaca do ritmo dos acontecimentos, pertencem-lhe as melhores contribuições: “OS Militares e o Poder” (75), “O Fascismo Nunca Existiu” (76) e “Situação Africana e Consciência Nacional” (76).

É também ele que responde à nossa recorrente interrogação identitária (que Miguel Torga sintetiza no *Diário*) e que a (re) integração na Europa, em vez de ajudar a balizar em termos de passado e futuro, parece reacender.

“O difícil para cada português não é sê-lo; é compreender-se. Nunca soubemos olhar-nos a frio no espelho da vida. A paixão tolda-nos a vista. Daí a espécie de obscura inocência com que actuamos na História.”

Uns anos antes destas palavras, Eduardo Lourenço tinha publicado o “Labirinto da Saudade”, a que se seguiram os ensaios sobre a Europa e sobre nós e a Europa, sinais de lucidez e de inconformismo que deveríamos periodicamente reler.

Diz ele no “Labirinto”, que os portugueses “vivem mais a sua existência do que a compreendem.”

De todas as dimensões da personalidade de Eduardo Lourenço, gostaria de sublinhar a da cidadania responsável e interveniente. Praticamente a viver na estrangeiro desde 1954, mas renegando os tiques do estrangeirado, mantém uma permanente atenção ao que sempre acontece em Portugal e está presente pela palavra e pelo comprometimento moral e cívico em muitas causas, como **consciência crítica** cuja profundidade e relevância são acentuadas pela sua percepção da história, do seu peso e da sua inércia no devir colectivo.

Quero terminar com um agradecimento pessoal e institucional.

Devo, a título pessoal, agradecer a amizade de muitos anos e as ajudas que me deu na Europália (89-91) e no Conselho Consultivo da Culturgest. Também lhe devo ter aceite o convite que, em 2002, lhe dirigi para ser administrador não executivo da Fundação.

A Fundação já lhe devia muito. O levantamento que mandei fazer dos seus contributos, a vários títulos, ocupa seis páginas densas: vinte ensaios publicados na Colóquio Letras, vinte e nove participações em conferências e colóquios em Lisboa e em Paris, textos em catálogos, ensaios nos Arquivos, intervenções em instituições estrangeiras a convite da Fundação... e até o afinal polémico discurso de homenagem a Azeredo Perdigão, em 93.

Mas o mais importante é podermos contar com o seu conselho, a opinião avisada, os seus alertas de *éclairneur*, e por vezes, a sua saudável ironia. Também tenho que lhe levar a crédito a paciência com que atura as inevitáveis e áridas discussões sobre investimentos, balanços e orçamentos e outras habituais questões dum conselho de administração ...

E foi para mim reconfortante saber, como disse numa entrevista publicada há dias na revista de poesia *Relâmpago*, que a Fundação Gulbenkian significa para ele “trabalhar em plena liberdade, segundo o puro princípio do prazer, quer dizer, sem obrigação nem sanção. E sobretudo ter a oportunidade de colaborar com uma equipa realmente interessada em cumprir as finalidades sociais e culturais da Fundação.”

Mais uma vez, obrigada por tudo.

Emílio Rui Vilar